



Os estágios e a construção da carreira jornalística

Fábio Henrique Pereira¹

Resumo:

Esta comunicação investiga o papel dos estágios na carreira dos jornalistas brasileiros que atuam em Brasília. Foram realizadas entrevistas com 32 jornalistas de várias gerações e que atuam em diferentes veículos da capital federal. Mais do que uma instância de aprendizado, os estágios integram a carreira enquanto espaços de socialização e de gestão das incertezas dos futuros jornalistas em relação ao ingresso nas redações. São também reveladores das transformações do próprio mercado de trabalho em jornalismo. Sua incorporação quase obrigatória à carreira é um indicador do processo de precarização da profissão. A valorização dos estágios no discurso dos entrevistados também remete a uma representação da profissão que tende a enfatizar um aprendizado adquirido na prática e uma reputação construída pelo reconhecimento entre os pares, o que evidencia aspectos estáveis da ideologia profissional dos jornalistas.

Palavras-chave: estágio; carreira; jornalista; identidade profissional; entrevista.

1. Introdução

Nesta comunicação, analisarei o papel dos estágios na carreira dos jornalistas brasileiros que atuam no mercado de trabalho de Brasília. Para isso, foram realizadas entrevistas com 32 jornalistas de várias gerações e que atuam em diferentes veículos da capital federal. Os relatos dos entrevistados foram cruzados com outros estudos quanti-

¹ Professor de Jornalismo da Universidade de Brasília e pesquisador associado aos laboratórios CRAPE (França) e RESIC (Bélgica). É autor do livro *Jornalistas-intelectuais no Brasil* (Summus, 2011). E-mail: fabiop@gmail.com.

tativos e qualitativos. Esse conjunto de dados integra um projeto de pesquisa mais amplo sobre as transformações da carreira e do mercado de jornalismo no Brasil.

Uma carreira pode ser definida como uma sequencia típica de estatutos, papéis, honrarias na qual uma profissão é cronologicamente definida (Tréanton, 1960). Seriam “movimentos de uma posição para outra num sistema ocupacional, realizadas por qualquer indivíduo que trabalhe dentro desse sistema” (Becker, 2009, p. 35). As carreiras estabeleceriam padrões de comportamento que se desenvolvem de forma ordenada no tempo.

As carreiras comportam uma dimensão individual. Elas descrevem os avanços que os atores fazem com o objetivo de conseguir uma posição de maior prestígio no interior no mercado de trabalho (Hughes, 1960). A escolha por determinadas carreiras pode ser atribuída aos benefícios associados à profissão, como estabilidade e capacidade de ascensão (Tréanton, 1960). Ao mesmo tempo, são fenômenos coletivos e estruturantes. Ao orientar suas escolhas, antecipando os mecanismos de ascensão previstos, os indivíduos interagem com outros espaços sociais e com um conjunto de normas e convenções que definem determinada atividade. Essa dupla vinculação – individual e coletiva – permite situar os estudos sobre carreiras como algo mais complexo do que uma descrição das trajetórias de um grupo de atores (Darmon, 2008). A partir da análise de experiências individuais é possível compreender como eles negociam estatutos, normas e definem as formas de colaboração possíveis em um mundo social.

Nesse sentido, os estágios representariam um movimento da carreira jornalística: seriam instâncias de aprendizado e de preparação para a prática profissional – um dos mecanismos que permitiriam que o indivíduo se antecipe às incertezas do mercado de trabalho e garanta (ou facilite) o seu ingresso na profissão. No Brasil, o estágio passou a ser uma experiência quase incontornável para os jornalistas. Uma pesquisa realizada por Mick e Lima (2013) mostra que apenas 23,7% dos jornalistas em atividade em 2012 não haviam passado por experiências de estágio. Esse número é ainda menor entre os estudantes de jornalismo que participaram do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes de 2012 (Enade): apenas 16,7% dos não havia estagiado no ano de 2012 (Inep, 2012).

O aumento do número de experiências de estágio poderia ser um indicativo de um fenômeno mais amplo de transformação no mercado laboral e de precarização do estatuto do jornalista. Mudanças nas próprias modalidades de contratação de estagiários também remetem a processos mais gerais de reestruturação no interior das empresas de mídia.

Infelizmente, existem poucos trabalhos que discutam o papel dos estágios na construção da carreira jornalística. Em parte isso se explica pelo senso comum, que tende a destacar a ideia de que uma carreira teria início apenas com o primeiro emprego – situando o estágio como parte do período de formação. Por conta disso, acredito que seja importante avançar na compreensão da experiência de estágio e reinseri-la na estudo mais amplo da carreira e das próprias dinâmicas que constituem o mercado de trabalho do jornalismo. Como os jornalistas avaliam essas experiências? De que forma elas participam da construção das carreiras jornalísticas? Como elas se relacionam com as expectativas e dinâmicas do mercado laboral?

Tentarei avançar na discussão dessa questões. Mas antes de apresentar os resultados, discutirei os procedimentos e escolhas que compõem a metodologia utilizada nesta pesquisa, bem como os mecanismos de objetivação triangulação dos dados gerados.

2. Metodologia

Esta pesquisa se baseia principalmente em 32 entrevistas biográficas e semidirigidas com jornalistas atuantes no mercado de trabalho de Brasília. As entrevistas foram produzidas entre os anos de 2012 e 2014. Para construir um universo de análise representativo das carreiras jornalísticas no Brasil, escolhi profissionais de diferentes faixas etárias e gerações (que ingressaram no jornalismo nas anos 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010) e que, época das entrevistas, ocupavam posições distintas em diferentes mídias: impresso (jornal e revista), rádio, TV, internet. A pesquisa cobriu as principais veículos jornalísticos do país e veículos de abrangência regional representativos do mercado de Brasília (ver Quadro 01, nos anexos).

Optei por não entrevistar *free-lancers* ou jornalistas que ocupassem, no momento da conversa, funções em mídias vinculadas ao setor público ou em assessorias de im-

prensa ou comunicação (embora alguns tenham relatado experiências de frila ou em estruturas de comunicação pública ou corporativa durante suas carreiras). Tal recorte também não permitiu conversar com jornalistas que “fracassaram” ao ingressarem no mercado de trabalho ou que eventualmente abandonaram a profissão. Essas escolhas se justificam por uma questão de operacionalização do campo de pesquisa: era mais simples ter como ponto de partida os jornalistas que trabalhavam em um mercado de trabalho mais “legítimo” e bem definido do ponto de vista do imaginário da profissão. Tenho ciência das lacunas e limitações desse universo no resultados da pesquisa: as dificuldades em descrever a estrutura das carreiras extramídia, bem como o dos perfis e carreiras emergentes ou “desviantes” no jornalismo e que são igualmente importantes para compreender as dinâmicas da profissão. Parte dessas lacunas será coberta pela utilização outros dados.

O roteiro das entrevistas se concentrou na reconstrução narrativa da trajetória do entrevistado: os motivos da escolha do jornalismo, a experiência na universidade, os estágios, a passagem pelos diferentes empregos e funções. Os jornalistas eram instigados a descrever e justificar cada escolha e mudança em termos de carreiras. Os argumentos remetiam à estrutura da carreira jornalística e a situação do mercado de trabalho, mas também a fatores contextuais, e a explicações de ordem pessoal. Obviamente que, desse conjunto de questões, me centrarei aqui apenas nas que se referem às suas experiências como estagiários ou às suas representações sobre o papel dos estágios na profissão.

O tempo de entrevista variou entre 40min e 1h30, o que poder explicado pelas diferenças de idade (jornalistas mais experientes em geral levam mais tempo para descrever suas trajetórias) e pela própria disponibilidade e disposição do entrevistado em falar.

A utilização de entrevistas qualitativas como metodologia de pesquisa levanta alguns questionamentos em torno da capacidade de objetivação e generalização dos resultados, ou seja: até que ponto seria possível produzir inferências mais abrangentes a partir da descrição de trajetórias individuais? Minha estratégia de objetivação consistiu, em primeiro momento na utilização de mecanismos de agregação qualitativa dos dados (Darmon, 2008) – na forma como a multiplicação de casos estudados permitiu encontrar um conjunto de regularidades nas carreiras analisados. Além disso, as inferências eram

constantemente revistas à medida em que novas situações e explicações emergiam durante a construção e análise do terreno de pesquisa.

Os resultados gerados pelas entrevistas foram, em seguida, confrontados com dados oriundos de outras investigações empíricas, seguindo uma estratégia de triangulação metodológica (Duarte, 2003). Utilizei, para isso, o trabalho de Jacques Mick e Samuel Lima (2013) e que consistiu numa pesquisa quantitativa de caráter nacional sobre o perfil do jornalista brasileiro em atividade no ano de 2012. Também fizemos uso da pesquisa empreendida por Fígaro (2013) em parceria com Nonato e Groham sobre as mudanças do perfil profissional e do mercado de trabalho dos jornalistas do Estado de São Paulo. Parte das inferências referentes ao acesso ao mercado de trabalho foram produzidas a partir de um projeto de pesquisa coordenado pela autor sobre o perfil dos estudantes de jornalismo no Brasil, pela análise dos relatórios de estágio do estudantes da Universidade de Brasília e pela utilização dos dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), realizado junto aos egressos dos cursos de jornalismo no Brasil (Inep, 2012). Além de confrontar e enriquecer os resultados das entrevistas, tais dados permitiram recontextualizar as narrativas sobre as carreiras dos entrevistados, de forma a distinguir na análise as singularidades das trajetórias individuais e a produção de um discurso emitido em um contexto específico de interação com o entrevistador de um conjunto de dados que poderiam ser “objetiváveis” na medida em que fazem referência à estrutura das carreiras e do mercado de trabalho do jornalismo no Brasil.

3. Resultados e discussões

3.1. Estágio e carreira profissional

Os depoimentos dos jornalistas a respeito das experiências pré-laborais ilustram a evolução de uma situação de oferta abundante de empregos (final dos anos 1970, início dos anos 1980) para um cenário em que fica cada vez mais difícil ingressar e se estabelecer na profissão. Assim, o estágio passa de uma prática pouco comum entre os jornalistas em atividade nas décadas de 1970-1980 – na verdade, ele havia sido proibido em 1979, pelo Decreto 83.284, da Presidência da República – para uma experiência

quase obrigatória nos anos seguinte. Essa situação é reforçada por dados quantitativos cedidos por Jacques Mick e Samuel Lima. Dentre os jornalistas que responderam à *survey* conduzida por eles em 2012, o número de respondentes que fizeram estágios é de 57,1% dentre as pessoas na faixa etária de 51 a 64 anos e na faixa de 41 a 50 anos. Ele sobe para 70,3% entre os respondentes entre 31 e 40, e 87,1% na faixa de 23 a 30 anos.

No caso desta pesquisa, dos oito entrevistados com mais de 40 anos, cinco (B11, B12, B15, B18 e B26) foram contratados para trabalhar em veículos de comunicação antes mesmo de se graduarem, sem terem passado por experiências formais de estágio: “[Comecei em] 79. Eu ainda era aluno quando comecei a trabalhar. Era uma coisa que havia muito. Em Goiânia, os editores pediam informação aos professores [sobre bons alunos] e os professores chamavam você para fazer parte da equipe de algum jornal” (B12); “Eu estou no jornalismo desde 82. Comecei trabalhando na cobertura das eleições no Rio, eu era estudante da UFRJ. E a rádio recrutou estudantes universitários para fazer uma apuração paralela das primeiras eleições para o governo (...). Ali eu ainda era estudante e eu não parei mais” (B18); “Era comum que os alunos procurassem logo entrar no mercado de trabalho. Primeiro porque havia uma procura, em razão de uma certa renovação. Era a transição da velha geração [ainda do tempo da censura] e da dos jornalistas formados fora das escolas de comunicação (...). E havia brecha legal pra isso, a lei permitia” (B26).

Os casos de B20 (45 anos), B31 (40 anos) e B32 (44 anos), que tiveram experiências de estágios antes de ingressar no mercado de trabalho, também devem ser vistos com atenção. B20 teve um primeiro estágio em uma empresa familiar e seguiu para uma rádio pública, “que era o que tinha na época, estruturado. Mas eu trabalhava na produção da rádio. Não era jornalismo”, antes de fazer estágios em assessorias de imprensa. B31 e B32 apresentaram carreiras atípicas no jornalismo. B31 morava em uma cidade de médio porte na região amazônica e ingressou como “estagiária” em uma emissora de TV, com 16 anos. O curso superior só foi finalizado anos depois, quando ela já trabalhava em Brasília. B32 fez primeiro uma carreira na área técnica de uma emissora de televisão antes de decidir cursar jornalismo, já no final dos anos 1990. Após a formatura, em 2002, assumiu uma vaga como produtor na mesma emissora. Nesse caso, apesar da

idade, sua carreira está mais próxima daquelas que foram trilhadas por entrevistados que ingressaram no jornalismo nos últimos dez anos.

Todos os entrevistados com menos de 40 anos fizeram estágios. O número de experiências pré-laborais varia de um a sete. Ao analisar as gerações mais recentes, não percebi nenhuma correlação entre a idade e número de estágios realizados – contrariando o senso comum que tende a reforçar a ideia de quanto mais novo é o jornalista, maior seria o número de experiências pré-laborais realizadas. Também não encontrei indícios de que o ingresso precoce em um estágio ou a realização de um maior número de experiências pré-laborais facilitaria o ingresso no mercado de trabalho, apesar de alguns entrevistados reforçarem esse discurso: *“Quanto mais cedo o jornalista começa ainda na faculdade a trabalhar numa redação, mais cedo ele vai se formar e ter o trabalho reconhecido. Eu tenho muitos amigos que se formaram e foram procurar emprego e tiveram dificuldade”* (B13).

Em um primeiro momento, os entrevistados tendem a avaliar o estágio como uma instância de aprendizado. Aliás, alguns consideram o estágio mais importante para a formação do que a passagem pelos cursos de jornalismo – em uma curiosa inversão dos papéis geralmente atribuídos a esses dois espaços: *Os estágios acho que são tudo [segue, descrevendo o que aprendeu em cada estágio]* (B1); *“Na faculdade eu senti que faltou um pouco de formação para prática de texto. As aulas de texto eram fracas e em pouca quantidade também. E aí você acaba aprendendo no trabalho mesmo”* (B3); *“Aprendi muita coisa no estágio porque eu cheguei sem ter noção direito de como se faz uma matéria. Você vê isso na faculdade é óbvio, só que no dia a dia de um jornal as vezes com pressão, com a data... Aquilo é diferente, muda um pouco, então eu aprendi bastante”* (B5). *“No [segundo estágio] eu aprendi a ser repórter (...). Eu acho que o jornalista é um profissional de nível superior, mas ele tem que ter o nível superior não necessariamente em jornalismo Tudo o que eu sei eu aprendi sendo jornalista”* (B9).

O estágio também é ser visto como um mecanismo de gestão das incertezas da carreira jornalística. Os entrevistados situam-no como uma estratégia de aquisição de visibilidade e de criação de uma rede de contatos no meio jornalístico: *“Eu considero o estágio um período de você aprender tudo o que a empresa tem para te oferecer e conhecer o máximo de pessoas possíveis. Eu acho que a nossa profissão é muito de você*

conhecer pessoas que vão te ajudar no futuro, que vão te abrir portas e aprender tudo que a empresa tem pra te dar” (B1); “O estágio é importantíssimo porque se eu não tivesse tido convivência com os colegas daqui, provavelmente ninguém ia me contratar” (B4); “Qual é o patrimônio do repórter? É nome dele. Então, quanto mais cedo ele começa, mais cedo ele vai ser lido por todo mundo e o trabalho dele vai ser mais cedo avaliado” (B13); “No estágio você conhece as pessoas. Então, se você precisar de indicação, vão ter pessoas que vão te indicar (...). Querendo ou não, você vai criar uma rede de contato que vai te ajudar” (B23).

Seguindo essa lógica, os entrevistados mais jovens, com menos de 30 anos, enxergam nos estágios o verdadeiro início de suas carreiras jornalísticas. Eles geralmente iniciam-na em estágios menos reputados, em geral em serviços de clipping, em pequenos jornais ou em assessorias de imprensa (situação observada em 20 dos 32 entrevistados), para depois “progredirem” para empresas de mídia local ou nacional:

B8: A dinâmica era um pouco essa: raramente você conseguia entrar num estágio em redação logo de início. Geralmente os estágios de redação exigiam um tempo maior de faculdade, exigiam um mínimo de experiência, então a assessoria era uma porta de entrada.

B19: Comecei por uma assessoria de imprensa de um ministério porque foi o estágio mais fácil que achei. Foi o único caminho. Eu achava que era muito cedo pra fazer jornal e estágio em jornal (...) Não consegui nenhuma outra assessoria que não fosse pública”. (...) Foi um caminho bom”
[Sobre a escolha do segundo estágio]: “Eu queria jornal. Já estava no terceiro ano, já estava concluindo o curso. Já estava querendo estagiar em algum jornal. Já conhecia alguns jornais. Eu fiz alguns processos seletivos para entrar.

Essa situação reaparece em uma análise que fiz dos relatórios de estágio dos estudantes de jornalismo da Universidade de Brasília no período que vai de fevereiro de 2012 a abril de 2013²: dentre os estudantes do 3º ano, há uma predominância de experiências em assessorias de comunicação (43 contra 32 estágios em mídia), já no 4º, predominam os estágios em empresas de mídia (47 contra 30 em assessorias)³. A carreira de estagiário, na verdade, reflete não só a percepção dos estudantes sobre os passos que

² A pesquisa contou com a colaboração de Nayane Oliveira, Patrícia Travassos e Raphael Sandes, na época estudantes de Comunicação Organizacional da UnB e com o apoio da Diretoria de Acompanhamento e Integração Acadêmica (DAIA) da Universidade, que permitiu o acesso aos relatórios de estágios.

³ Até o mês de abril de 2015, os estágios na Faculdade de Comunicação da UnB só eram autorizados a partir do 5º semestre do curso.

devem ser tomados rumo a estágios mais reputados, como a forma como o próprio mercado se diferencia e organiza na promoção das formas de recrutamento dos estagiários: enquanto os primeiros estágios são geralmente obtidos por meio da indicação de professores e colegas, os estágios em veículos jornalísticos mais reputados dependem de processos seletivos longos e estruturados, que costumam ter até cinco etapas de seleção, como ilustram os depoimentos de B5 (selecionado para um site de notícias) e particularmente o de B23 (que estagiou em uma rádio *all news*):

Você faz uma prova virtual. Se você passar, é chamado para uma prova escrita. Se você passar, é chamado pra uma dinâmica de grupo. Se você passar, é chamado pra uma entrevista e, depois, para um teste. Eu fiquei em segundo [na seleção]. Não fui chamada. Só que aí, o que aconteceu? O menino que tinha passado na minha frente [...] foi pra Belo Horizonte, porque ia terminar a faculdade lá. E aí, eu fui a primeira opção [...]. Enfim, acabou que deu tudo certo e eu entrei.

A criação de processos seletivos cada vez mais complexos de seleção nos estágios reflete um aumento da oferta de mão de obra, resultado direto do processo de expansão do sistema de ensino superior, o que exige, a multiplicação dos filtros e requisitos para contratação, sobretudo nos estágios mais valorizados. A entrevista de B21, que ocupa um cargo de chefia e é responsável por recrutar estagiários na rádio onde trabalha, permite entender esse fenômeno:

Quando eu comecei nesse cargo de gestão, nas primeiras seleções, eu optei por uma divulgação ampla [...]. Eu comecei a receber uma enxurrada de e-mails, muitos e-mails. Aí, eu marquei uma série de entrevistas e peguei candidatos muito ruins. A seleção, que deveria ser rápida, demorou, muito tempo [...]. Então, a partir disso, eu comecei a estabelecer os contatos nas universidades já para peneirar. Já dá para fazer um funil de gente com perfil, até para não perder tempo aqui.

[Sobre o processo de seleção]: O teste é o seguinte: eles ouvem uma entrevista que foi ao ar ao vivo na rádio (a gente tem a gravação) e, a partir da entrevista que eles ouvem aqui mesmo, no programa de edição [de áudio], eles fazem uma reportagem, fazem o texto. E ainda pegam dois releases de órgãos públicos – porque aqui na rádio a gente recebe muitas informações de prestação de serviço de órgãos públicos. Da entrevista, fazem uma reportagem e, dos dois releases, fazem duas notas. Escrevem isso tudo no Word mesmo. Quando terminam, eles imprimem e gravam. O que eu avalio? Eu avalio a agilidade deles, o texto e, depois, o potencial de locução.

Contudo, a explicação para o aumento das exigências e requisitos para a contratação de estagiários nos principais grupos de mídia no Brasil vai além do discurso – muitas vezes emitido pelas chefias das redações – sobre a “má qualidade dos cursos” ou da “mão de obra disponível”. Acredito que existe, na verdade, uma correlação entre a redução do número de postos disponíveis e o aumento da concorrência e a criação de novas etapas para o ingresso no mercado de trabalho (Devillard, 2001). O aumento nas barreiras para ingresso no estágio são ainda indicativos de um fenômeno já observado por Marchetti (2001) sobre o papel crescente dos departamentos de Recursos Humanos e a importação de novos métodos de recrutamento em uma profissão historicamente marcada pela informalidade.

3.2. Estágio e o ingresso no mercado de trabalho

O estágio, sobretudo o último estágio, feito pelo jornalista antes de se formar, tem um papel importante no ingresso na profissão. Dados cedidos por Jacques Mick e Samuel Lima revelam que 23,5% dos jornalistas de 18 a 22 anos e 16,4% dos que tinham entre 23 e 30 anos em 2012⁴ conseguiram o último emprego “Em continuação a estágio ou *trainee*”. Em minha própria pesquisa, dos 27 entrevistados que fizeram estágio, 20 foram efetivados na empresa onde estagiavam, até três meses após a formatura: B1, B2, B4, B6, B7, B8, B9, B10, B13, B14, B16, B17, B19, B22, B23, B24, B25, B27, B28, B29. Além disso, o estágio foi importante para a contratação de B20 (que ingressou logo após a graduação como repórter num jornal de abrangência nacional por indi-

⁴ Esses números sugerem a princípio de que o peso dos estágios seria menor na contratação dos jornalistas. Contudo, esses dados precisam ser problematizados. No questionário, o item responde à questão “Como você ingressou em seu principal trabalho jornalístico atual?”. Para o grupo de respondentes de 18 a 22 anos (e que não possivelmente ainda estão em período de formação), o termo “trabalho jornalístico atual” provavelmente faz referência ao próprio estágio em curso (ou ao emprego decorrente dele) e o acesso a esse emprego possivelmente equivale ao processo seletivo de sua contratação como estagiário. Assim, nessa faixa etária, os itens “Processo seletivo realizado pelo contratante” e “Seleção por empresa de recrutamento” e que somados correspondem a pouco mais 30% das contratações podem ser indicativos de processos de seleção de estagiários considerados pelos respondentes como formas de ingresso no emprego atual. A faixa seguinte (de 23 a 30 anos) provavelmente agrupa recém egressos e jornalistas no segundo ou terceiro empregos, ou seja, seria necessário uma nova estratificação da faixa para perceber o impacto dos estágios no acesso ao mercado de trabalho. Os dados são, portanto, inclusivos nesse ponto, mas em seu conjunto, como veremos no próximo capítulo, evidenciam uma tendência de aumento das formas abertas de contratação (como estágios, programas de *trainees* e processos seletivos) dentre os jornalistas mais jovens.

cação da chefe do seu último estágio), de B21 (cujo primeiro emprego foi obtido numa rádio vinculada ao mesmo grupo de comunicação onde estagiava), e B30 (que não foi efetivado no estágio, mas foi contratado logo em seguida pela empresa onde havia realizado seu primeiro estágio). E exceção foi B3, que conseguiu o primeiro emprego após distribuir currículos nos principais jornais de Brasília – embora, ela também tenha passada por três estágios diferentes antes de se formar.

A busca por um estágio reforça o sentimento de insegurança dos futuros jornalistas e as incertezas em relação ao ingresso no mercado de trabalho. Vários entrevistados mencionaram o estágio como uma experiência incontornável para o ingresso na profissão. A análise das carreiras dos jornalistas-entrevistados dá a impressão de que haveria uma correlação entre o estágio feito no último ano do curso e o acesso quase direto ao mercado de trabalho. Mas é preciso lembrar que os entrevistados desta pesquisa podem ser considerados casos de “sucesso” no cenário geral das carreiras jornalísticas porque foram selecionados dentre os jornalistas *em atividade*, ou seja, aqueles conseguiram de fato ingressar e se manter na profissão. É possível que outros estudantes de jornalismo também tenham tido experiências como estagiários (incluindo em organizações reputadas no meio profissional), sem conseguir necessariamente ingressar no mercado de trabalho. Não existem indicadores que permitam mensurar a taxa de fracasso no acesso à profissão, mas os dados do Ministério da Educação (Inep, 2012) mencionam cerca de 13 mil graduados em jornalismo que ingressam anualmente em um mercado de trabalho estimado em 145 mil profissionais em atividade, incluindo jornalistas de mídia, assessores de comunicação e professores universitários (e estes últimos dificilmente seriam contratados dentre os recém graduados de jornalismo) (Mick e Lima 2013). Ou seja, em um cenário bastante otimista, a absorção desse contingente dependeria de taxas de crescimento no número de postos no mercado de trabalho da ordem de quase 9% - o que é absolutamente irreal.

A dificuldade de se ingressar na profissão é reforçada no discurso dos entrevistados, sobretudo os mais jovens. Eles afirmaram ter tido “sorte” ao conseguirem o primeiro emprego, se comparados à situação dos demais colegas de curso: *“Eu vejo meus colegas, que se formaram comigo e que estão trabalhando como free-lancers, então eu sei que estou bem, mas eu não tô feliz com que eu estou fazendo. Não é isso que eu quero*

fazer” (B1); “Eu olhava o [Veículo onde trabalha] e achava que ia demorar muito para trabalhar aqui e, eu mal me formei, e já estava trabalhando (...). Tive sorte, pouca gente conseguiu [um bom emprego]”. (B14). “Tudo vai depender se abriu vaga ou não. Não é sempre [que abrem], né? (...). Geralmente, quando a gente sai da faculdade, a gente se preocupa: ‘Meu Deus! Tô desempregada! E agora!?’’. E eu não! Saí da faculdade e já tava empregada” (B23); “A grande maioria do pessoal da faculdade, hoje, não trabalha com jornalismo. Um é funcionário público, outro trabalha na Câmara [dos Deputados], outro trabalha numa loja...” (B27).

Em síntese, esta análise permite afirmar que fazer um bom último estágio é cada vez mais importante para o acesso ao mercado de trabalho (lembrando que “bons estágios” possuem também processos seletivos e concorrência entre candidatos a estagiários). Mas a realização de um bom estágio já não representaria garantia de sucesso ou o ingresso automático no jornalismo.

A importância atribuída aos estágios como forma de acesso ao mercado laboral também possui um desdobramento simbólico: a ideia de o estatuto de jornalista é obtido por meio de experiências significativas vivenciadas na prática da profissão e não por meio de requisitos formais ou legais, como a educação superior. Nesse caso, em vários trechos das entrevistas, a experiência nos estágios é lembrada como o momento em que o estudante-estagiário passar a se reconhecer (a ou ser reconhecido pelos colegas e fontes) como um jornalista “de verdade”: *“Aqui, eu trabalho mais horas e tudo mais, mas, em termos de demanda, é quase a mesma coisa [da época de estagiária]. A diferença que eu vejo é que eu só ganhei maturidade. Acho que, na prática, o diploma não veio me mudar profissionalmente” (B22); “Eu acho que eu passei a me sentir jornalista ainda no estágio, como repórter. Foi quando eu comecei a fazer pauta na rua, quando eu comecei a fazer essas pautas políticas na Assembleia Legislativa, no Palácio Piratini. Quando você começa a fazer pauta na rua, você começa a ter contato com os colegas e você começa a entrar naquele grupo, naquele nicho jornalístico (...). Você acaba entrando na turma dos repórteres” (B24); “Eu me senti jornalista quando ainda era estagiária. Foi quando eu comecei a cobrir as eleições 2010 e cobrir também a Caixa de Pandora, o escândalo político do governador José Roberto Arruda” (B28).*

Essa situação não é unânime. Como já mencionei, alguns entrevistados foram contratados antes de se formarem, sem a necessidade de passarem por um estágio. Outros afirmam que só sentiram de fato jornalistas após a assinatura da carteira de trabalho ou a efetivação do contrato em uma redação, fato que viria acompanhado por um reconhecimento (material e simbólico) no meio profissional: *“Tudo muda. Seu status muda dentro do jornal. Eu não era mais estagiária o salário era melhor. Você passa a ter oportunidades, passa a trabalhar o dia inteiro. Eu acho que ali eu me senti jornalista”* (B19); *“Me sentido jornalista no primeiro emprego (...). Tinha várias experiências de estágio, respondia sobre o que era demandado, mas aquela noção da cobrança profissional, você só tem quando é formado e contratado como tal. Você é visto de forma diferente. Aquele seu erro que você cometia como estagiário não é o mesmo erro que se comete como profissional”* (B21). Poucos entrevistados fizeram referência ao diploma como mecanismos de aquisição desse novo estatuto.

De modo geral, os entrevistados associam a aquisição do estatuto de jornalista ao reconhecimento pelo “outro”, à prática nas redações e assessorias ou ao exercício remunerado do jornalismo. Esses discursos tendem a reforçar uma certa permanência no imaginário do grupo profissional, a despeito dos impactos provocados pela expansão do sistema de formação e das modalidades formais de contratação: a ideia de autonomia do jornalista e a desconfiança em relação a instâncias regulatórias da profissão (Ruellan, 1993), a ideia que os pares seriam os únicos responsáveis pela gestão do espaço laboral (Ruellan, 1997), o discurso que tende a minimizar a importância do ensino do jornalismo (Frith e Meech, 2007).

4. Conclusões

Neste artigo, analisei o papel do estágio como uma das etapas da construção da carreira jornalística no Brasil. A pesquisa empírica cruzou as trajetórias de 32 jornalistas da capital federal com dados de outros estudos sobre o mercado de trabalho do jornalismo no Brasil. Uma primeira constatação se refere ao próprio status ocupado pelos estágios: mais do que uma instância de aprendizado e preparação, essas experiências inte-

gram a carreira enquanto espaços de socialização no jornalismo e de gestão das incertezas dos futuros jornalistas em relação ao ingresso nas redações

Os estágios são também reveladores das transformações do mercado de trabalho em jornalismo. Sua incorporação quase obrigatória à carreira é indicador de um processo de precarização da profissão. A racionalização do processo de contratação de estagiários em algumas empresas de mídia mais reputadas evidencia ainda o aumento da concorrência no jornalismo: é necessário atualmente passar por uma seleção rigorosa para se tornar um “mero” estagiário (ou *trainee*) em uma redação de um veículo de maior prestígio. Essa cenário também remete às mudanças nas próprias modalidades de recrutamento nas redações, que tendem a “formalizar” esse processo – o que poderia ser visto como um aumento do poder dos setores de RH na organização das empresas jornalísticas.

Do ponto de vista das representações sobre a profissão, o discurso dos entrevistados tende a valorizar as experiências pré-laborais em detrimento à formação. Isso certamente reflete a experiência pessoal dos jornalistas, mas também remete a um processo de interiorização dos discursos sobre a profissão, que tendem a enfatizar o caráter prática do aprendizado no jornalismo e a ideia de uma reputação construída sobretudo pela experiência laboral e pelo reconhecimento entre os pares. Mas isso não significa que outras instâncias de aprendizado e preparação para a carreira não sejam válidas. Tais discursos apenas mas reforçam o papel da ideologia do jornalista *self made man* (Frith e Meech, 2007) na construção das representações sobre a profissão.

Referências

- BECKER, H. S. **Outsiders**. Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DARMON, M. La notion de carrière: un instrument interactionniste d’objectivation. **Politix**, vol. 21, nº 82, 2008, pp. 149-167.
- DEVILLARD, V. Les trajectoires des journalistes détenteurs de la carte de presse entre 1990-1998. La montée de la précarité. **Communication et langages**, n. 133, 2002, pp. 21-32,.
- DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Cies E-Working Paper*, no. 60, 2009. Disponível em <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documentos/CIES-WP60_Duarte_003.pdf>. Acesso em 27/07/2014

FIGARO, R. (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013, pp. 07-143.

FRITH, S.; MEECH, P. Becoming a journalist. Journalist education and journalism culture. **Journalism** 8(2), 2007, pp. 137-164.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP. **ENADE – 2012. Relatório Síntese: Comunicação Social - Jornalismo**. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2012/2012_rel_comunicacao_social_jornalismo.pdf. Acesso em 17/07/2014

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do Jornalista Brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

RUELLAN, D. **Le Professionnalisme du Flou**. Identité et savoir-faire des journalistes français. Grenoble: PUG, 1993.

RUELLAN, D. **Les pro du journalisme**. De l'état au statut, la construction d'un espace professionnel. Rennes: PUR, 1997.

TREANTON, J-R. Le concept de carrière. **Revue Française de Sociologie**, 1-1, p. 79-80, 1960.

Anexo 1 – Relação de entrevistados (por tipo de mídia, cargo, gênero e idade)

Entrevistado	Mídia	Abrangência	Tipo de cobertura	Cargo	Gênero	Idade
B1	Internet	Nacional	Generalista	Reporter	F	22
B2	Internet	Regional	Generalista	Area Editor	M	30
B3	Internet	Nacional	Generalista	Reporter	F	23
B4	Internet	Regional	Generalista	Subeditor	F	27
B5	Internet	Nacional	Generalista	Trainee	M	20
B6	Internet	Nacional	Especializada	Editor	M	38
B7	Internet	Nacional	Generalista	Reporter	F	32
B8	Internet	Nacional	Generalista	Reporter	M	24
B9	Internet	Nacional	Especializada	Reporter	F	35
B10	Internet	Regional	Generalista	Area Editor	M	30

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
Campo Grande – UFMS – Novembro de 2015

B11	Jornal	Nacional	Generalista	Reporter	M	52
B12	Jornal	Nacional	Generalista	Reporter	M	56
B13	Jornal	Nacional	Generalista	Reporter	M	31
B14	Jornal	Regional	Generalista	Reporter	F	22
B15	Jornal	Nacional	Generalista	Reporter	F	47
B16	Jornal	Regional	Generalista	Reporter	F	25
B17	Jornal	Regional	Generalista	Editor	M	37
B18	Jornal	Nacional	Generalista	Reporter	F	49
B19	Jornal	Nacional	Generalista	Reporter	F	27
B20	Jornal	Nacional	Generalista	Editor	M	45
B21	Rádio	Nacional	Generalista	Editor	M	31
B22	Rádio	Nacional	Generalista	Reporter	F	27
B23	Rádio	Nacional	Generalista	Reporter	F	24
B24	Rádio	Nacional	Generalista	Editor	M	31
B25	Revista	Regional	Especializada	Reporter	M	37
B26	Revista	Nacional	Generalista	Reporter	M	54
B27	TV	Regional	Generalista	Editor	F	29
B28	TV	Regional	Generalista	Producer	F	27
B29	TV	Regional	Generalista	Editor	M	32
B30	TV	Regional	Generalista	Producer	M	33
B31	TV	Nacional	Generalista	Reporter	F	40
B32	TV	Regional	Generalista	Editor	M	44